

PERSPECTIVAS DE COMPETITIVIDADE DOS PRODUTORES DO FRUTO AÇAÍ DO NORDESTE PARAENSE

Autoria

Dinaldo do Nascimento Araujo
Engenharia de produção/UEPA

Alexandre Jorge Gaia Cardoso
Secretariado Executivo Trilingue/UEPA

Marcelo de Souza Correia
Secretariado Executivo Trilingue/UEPA

Resumo

A proposta do trabalho é identificar quais são as perspectivas de competitividade dos produtores de açaí, de terra firme e de várzea, no nordeste paraense. O objetivo principal é descrever uma determinada amostra de produtores e identificar e avaliar as perspectivas de competitividade dessa amostra em relação aos fatores de competitividade definidos na pesquisa. A fundamentação teórica considerada para a pesquisa é composta de uma abordagem sobre cadeias agroindustriais e fatores de competitividade. A metodologia utilizada para a execução da pesquisa foi o método Rapid Appraisal, onde foi elaborado um questionário semi-estruturado para os agentes do elo de produção da cadeia do açaí. Os principais agentes-chaves entrevistados foram: produtores de açaí; intermediários e representantes de algumas organizações. Os fatores de competitividade definidos para o referido estudo foram: insumos, tecnologia, estrutura de mercado, estrutura de governança e coordenação da cadeia, armazenamento e transporte e ambiente institucional. Como principal resultado do trabalho é que as perspectivas de competitividade são favoráveis para o aprimoramento da cadeia, porém a produção em várzea apresenta alta sustentabilidade socioambiental para a produção do açaí.

SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

PERSPECTIVAS DE COMPETITIVIDADE DOS PRODUTORES DO FRUTO AÇAÍ DO NORDESTE PARAENSE

RESUMO

A proposta do trabalho é identificar quais são as perspectivas de competitividade dos produtores de açaí, de terra firme e de várzea, no nordeste paraense. O objetivo principal é descrever uma determinada amostra de produtores e identificar e avaliar as perspectivas de competitividade dessa amostra em relação aos fatores de competitividade definidos na pesquisa. A fundamentação teórica considerada para a pesquisa é composta de uma abordagem sobre cadeias agroindustriais e fatores de competitividade. A metodologia utilizada para a execução da pesquisa foi o método *Rapid Appraisal*, onde foi elaborado um questionário semi-estruturado para os agentes do elo de produção da cadeia do açaí. Os principais agentes-chaves entrevistados foram: produtores de açaí; intermediários e representantes de algumas organizações. Os fatores de competitividade definidos para o referido estudo foram: insumos, tecnologia, estrutura de mercado, estrutura de governança e coordenação da cadeia, armazenamento e transporte e ambiente institucional. Como principal resultado do trabalho é que as perspectivas de competitividade são favoráveis para o aprimoramento da cadeia, porém a produção em várzea apresenta alta sustentabilidade socioambiental para a produção do açaí.

Palavras-chaves: Cadeias agroindustriais. Fatores de competitividade. Cadeia do açaí

ABSTRACT

The purpose of this study is to identify what are the perspectives of competitiveness by rural production of açaí, from terra firme and várzea in northeast Pará. The main objective is to describe a certain sample of producers and to identify and evaluate the competitiveness perspectives of this sample in relation to the competitiveness factors defined in the research. The theoretical basis considered for the research is composed of an approach on agrichain and factors of competitiveness. The method used for the execution of the research was the Rapid Appraisal, where a semi-structured questionnaire was prepared for the agents of the production chain of the açaí. The main key agents interviewed were: producers of açaí; intermediaries and representatives of some organizations. The competitiveness factors defined for this study were: inputs, technology, market structure, governance structure and chain coordination, storage and transport, and institutional environment. As the main result of the work is that the perspectives of competitiveness are favorable for the improvement of the chain, but the production in várzea presents high socio-environmental sustainability to the production of açaí.

Keywords: Agribusiness chains. Factors of competitiveness. Açaí chain

1. INTRODUÇÃO

A produção brasileira oriunda da extração vegetal e da silvicultura do Brasil em 2015 corresponde ao montante de 622.025 toneladas, dos quais 338.801 toneladas ou 54,46% são da produção de erva-mate e 216.071 toneladas ou 34,73% são provenientes da extração do fruto açaí. Da parcela da produção de açaí em 2015, a região Norte é a maior produtora com 201.207 toneladas e o Estado do Pará apresenta uma participação de 62,64% com produção de 126.027 toneladas e o Estado do Amazonas com produção de 65.638 toneladas ou 32,62%. Entre o período de 2002 e 2015 a produção média paraense é de 82,14% em relação ao Norte do país (IBGE, 2016).

A produção extrativista do açaí na Região Norte aumentou 60,04% entre o ano de 2002 e 2015. No Estado do Pará, nesse mesmo período, a produção passou de 122.322 toneladas para 126.027 toneladas, ficando com uma média de 82,14% da produção da Região Norte durante o período. No Pará, a principal mesorregião produtora em 2015 foi a Nordeste com 63,97%, da produção estadual, seguida pela mesorregião do Marajó com 26,02% da produção do Estado de acordo com os dados do IBGE. Fato este que fora identificado nos estudos de Cardozo et al (2015) onde apontam que o açaizeiro é a espécie mais representativa nos sistemas agro-florestais da Amazônia que fora analisado pelos pesquisadores, com um percentual de 25,9% de representatividade.

Os dados apresentados demonstram um forte crescimento da produção com objetivo de atender tanto o mercado interno quanto o externo. Demonstram também que a cadeia produtiva do açaí tem sido capaz de atender à crescente demanda e, portanto, indicam sua capacidade de se manter de forma competitiva no mercado. Ou seja, crescimento da produção dessa cadeia revela um “desempenho”, que pode ser interpretado como um indicador de competitividade revelada.

A cadeia do açaí apresenta como principais pontas a produção/extrativismo a montante, e o processamento a jusante. Nessa cadeia, estão vários agentes econômicos, tais como produtores de açaí, intermediários ou atravessadores, indústrias processadoras, organizações vinculadas a esses agentes e o governo com suas políticas. A seguir far-se-á uma breve explanação introdutória da cadeia produtiva do açaí para situar o leitor no problema de pesquisa.

Segundo Nogueira, Figueiredo e Muller (2005), a produção de frutos, que provinha quase que exclusivamente do extrativismo, a partir da década de 1990 passou a ser obtida, também, de açaizais nativos da várzea, de cultivos implantados em áreas de várzea e terra firme. A produção em terra firme tem sido obtida em regiões com maior precipitação pluviométrica, em sistemas solteiros e consorciados, com e sem irrigação. E para Homma (2012) o fruto açaí pode advir das seguintes origens: de açaizais nativos existentes nas margens de rios misturados a outras árvores (extrativo); de áreas de várzea que passaram por manejo e de áreas de produção de terra firme com irrigação e sem irrigação.

Os produtores de açaí são aqueles que realizam algum tipo de manejo nos açaizais e de alguma forma beneficiam o açaizal, aproveitando melhor a coleta do fruto até na entressafra, assim como extraíndo também o palmito.

Com o aumento da demanda do fruto açaí, esses pequenos produtores de açaí passaram a se organizar em associações e em cooperativas para ampliar os cultivos racionais diversificados e fazer o manejo das áreas de grande densidade de fruteiras nativas, visando abastecer as agroindústrias de maneira regular em volume e fluxo.

A maioria dos produtores trabalham e residem nas margens dos rios (conhecidos como ribeirinhos). Após a coleta do fruto, os produtores destinam o açaí para: os intermediários, as associações, cooperativas ou indústrias processadoras. Não se conhece o número exato de produtores de açaí, mas sabe-se que são muitos e localizam-se em regiões de difícil acesso. Muitos produtores de açaí transportam (via barcos ou canoas) o produto em rasas (um cesto de palha que acondiciona aproximadamente 14 quilos do fruto) para serem vendidos no *mercado spot* na capital do Estado (na capital paraense existem mercados de vendas do fruto in natura – conhecidos como portos do açaí ou a pedra).

Após processado o fruto, a indústria vende a polpa para os distribuidores que estão localizados nos diversos estados brasileiros, principalmente nas regiões Sudeste e Sul. Quanto ao mercado internacional, existem poucas companhias na região nordeste paraense que realizam a exportação, e de acordo com os dados elaborados pela Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB (2016), os Estados Unidos da América do Norte com uma representação média de 60% e o Japão com representação média de 31,45%, são os países que de 2012 a 2015 são os maiores importadores da polpa de açaí.

Em face deste contexto, revela-se a importância do estudo da competitividade da respectiva cadeia produtiva no nordeste paraense, surgindo como questão fundamental: Quais são as perspectivas de competitividade pelos produtores de terra firme e de várzea na cadeia produtiva do fruto do açaí? Deste modo, este estudo apresenta como objetivo geral descrever uma determinada amostra de produtores e identificar e avaliar as perspectivas de competitividade dessa amostra em relação aos fatores de competitividade definidos na pesquisa.

Os estudos já realizados por Canto (2001); Nogueira, Figueiredo e Muller (2005); Sant’Ana (2006); Lewis (2008); Corrêa (2010); Nogueira (2011), Batista (2013) e Cardozo et al (2015) apresentam uma abordagem sobre a palmeira do açaí, sobre as propriedades do fruto, sobre as técnicas de manejo e sobre algum aspecto econômico de determinadas localidades. Uma análise dos principais fatores de competitividade por parte dos produtores possibilita a identificação de pontos fortes e pontos fracos do elo de produção da cadeia do açaí.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.2 Abordagem sistêmica de cadeias produtivas

As duas principais vertentes que contribuíram para a referida análise da cadeia do açaí, embora distintas, mas com muitos pontos em comum, são: (a) CSA – Commodity System Approach, que considera as transformações por que passa uma matéria-prima até chegar ao consumidor final; e (b) a análise de filière, que analisa em um recorte vertical, a sucessão de processos de transformação de certo produto de um determinado setor agroindustrial.

Normalmente as abordagens de competitividade encontram na firma seu espaço privilegiado de análise. Assim, a competitividade de um dado setor ou nação seria a soma da competitividade dos agentes (firmas) que o compõe. No caso de produtos agrícolas ou agroindustriais, existe um conjunto de especificidades que resultam na definição de um espaço de análise diferente dos convencionalmente admitidos em estudos de competitividade. Este espaço de análise é a cadeia de produção agroindustrial. Assim, os estudos de competitividade, nessa área, devem privilegiar um corte vertical no sistema econômico para a definição do campo de análise. Nestes casos, a competitividade deste sistema aberto, definido por uma

dada cadeia de produção agroindustrial, não pode ser vista como a simples soma da competitividade individual dos seus agentes. Esta consideração remete à análise de competitividade dos sistemas agroindustriais, o que implica na incorporação da noção de sistema (BATALHA e SOUZA FILHO, 2009).

Nessa mesma direção Farina et al. (1997, p.145) afirmam que 'a competitividade não se limita à eficiência produtiva em nível de firma. Passa a depender de toda a cadeia produtiva e de sua organização'.

Segundo os autores Zylberstajn (2000), Batalha e Silva (2007) e Simioni et al. (2007), a base teórica inicial que era a matriz insumo-produto de Leontief, foi substituída pela abordagem: **Estrutura → Conduta → Desempenho** (ECD). Essa última, cuja origem é a economia industrial, mostrou-se capaz de fornecer instrumentos mais ricos de análise e de predição ao estudo de cadeias agroindustriais.

Em Batalha e Silva (2007), uma cadeia de produção agroindustrial, pode ser segmentada, de jusante a montante, em três macros segmentos. No entanto, essa tarefa não é tão fácil, uma vez que esta divisão pode variar muito de produto para produto e segundo o objetivo da análise proposto.

O primeiro segmento seria a comercialização, onde podem ser enquadradas as empresas responsáveis somente pela logística de distribuição, isto é, as companhias que se relacionam direto com clientes finais da cadeia produtiva e que viabilizam o consumo e a comercialização. No segundo segmento, a industrialização, enquadrando-se as indústrias de transformação de matéria-prima em produtos finais destinados aos compradores (que podem ser consumidores finais ou outras agroindústrias). O terceiro segmento, a produção de matérias-primas, seria o aglomerado de empresas que fornecem a matéria-prima para a indústria de transformação.

A direção ou lógica do encadeamento das operações, como forma de definir a estrutura de uma cadeia de produção, deve situar-se sempre de jusante a montante. Sendo assim, as condicionantes impostas pelo consumidor final tornam-se os principais indutores de mudanças no *status quo* do sistema (BATALHA E SILVA, 2007).

Batalha e Silva (1995, p.31), afirmam que uma cadeia de produção, esteja ela caracterizada como agroindustrial ou não, articula-se por meio de mercados. Os autores Batalha e Souza Filho (2009) enfatizam de que a eficiência ao longo do canal de distribuição pode ser melhorada através do compartilhamento de informação e do planejamento conjunto entre seus diversos agentes. Canal de distribuição aqui poderia ser entendido, por exemplo, como o caminho pelo qual passa o fruto açaí desde a extração do fruto da palmeira até a mesa do consumidor final. Esse conceito é relevante para o estudo de cadeias produtivas, pois tem como foco a coordenação e a integração de atividades relacionadas ao fluxo de produtos, serviços e informações entre os diferentes agentes da cadeia.

O enfoque sistêmico "não deve ser visto como sendo a mera soma das partes de um todo", já que, além das partes que constituem esse sistema (empresas de insumos, cooperativas, agroindústrias, agricultores, sindicatos, distribuidores, entre outros), ocorrem entre essas partes interações de diversos níveis. Logo, uma cadeia produtiva agroindustrial deve ser definida pelos "padrões sistemáticos de interação dos seus vários agentes sociais e econômicos, e não pela simples agregação de propriedades desses componentes" (BATALHA E SOUZA FILHO, 2009, p.5).

Nesse sentido, fez-se uma análise específica no elo de produção, com os principais agentes-chaves, considerando as perspectivas dos produtores e as opiniões dos intermediários e representantes de organizações que estão de alguma forma, ligados com a produção do fruto, e com suas experiências e expertise no tema, ajudaram a esclarecer pontos importantes sobre a cadeia.

2.3 Competitividade em sistemas agroindustriais

Para Farina (1999), a análise sistêmica de determinada agroindústria, justifica-se em virtude de que o desempenho que se propõe estudar não é de uma firma individual, mas sim de um conjunto de segmentos/atores (players) que se inter-relacionam de maneira direta ou indireta com um determinado fim e de forma sistêmica. Esses segmentos atores podem exibir diferentes graus de dependência mútua.

Considerando o conceito de competitividade aplicado em um sistema agroindustrial tem-se uma primeira dificuldade que é de conhecer o nível de agregação dos elos que compõem determinado sistema, já que não se trata apenas de entender o conceito de competitividade horizontalmente (da firma para a indústria), mas também de entender a competitividade verticalmente (da indústria para a cadeia produtiva).

Para Farina & Zylbersztajn (1998) e Batalha e Souza Filho (2009), a análise sistêmica agroindustrial se torna viável quando se focaliza sistemas agroindustriais (SAG) específicos tais como o SAG do leite, SAG da cana-de-açúcar, etc.. Do ponto de vista de Farina (1999), a análise de competitividade dos SAG's deve-se perguntar:

- a) Se um determinado sistema agroindustrial deverá crescer ou, pelo menos, não decrescer nos mercados correntes e se tem capacidade de agregar novos mercados;
- b) Se sua composição será alterada ou não, isto é, se a competitividade dos participantes dos elos sofrerão ou não mudanças;
- c) Quais as estruturas de governança viabilizam essa competitividade e em que direção deverá se alterar.

Desse ponto de vista econômico, as relações entre os participantes do mercado é fonte inicial para o entendimento das atividades das organizações e primordial para identificar possíveis caminhos a serem seguidos por essas organizações no futuro, assim como o próprio caminho a ser trilhado pelo sistema agroindustrial.

Segundo Castro (2001), o conceito de competitividade em cadeias produtivas agropecuárias pode ser derivado a partir do conceito estabelecido por Porter, considerando os produtos ou subprodutos da cadeia. Há que se distinguir, entretanto, produtos com valor agregado ou diferenciados por algum tipo de característica distintiva e produtos do tipo commodity. O estabelecimento de vantagem competitiva será diferente em cada caso.

Para o caso de cadeias produtivas produtoras de commodities, em face de não diferenciação do produto final, a competitividade é principalmente estabelecida por baixos custos, que permite uma lucratividade para a cadeia produtiva mesmo quando os preços dos produtos são baixos. Isso significa que é necessário alcançar maior eficiência produtiva, ao longo da cadeia.

No caso de cadeias produtivas que geram produtos com valor agregado, a vantagem competitiva será estabelecida a partir de um desempenho melhor em qualidade de produtos, com o estabelecimento de uma imagem de diferenciação,

gerando produtos que são reconhecidos pelos seus consumidores como possuindo características diferenciadas.

Em decorrência de tais explicações, identifica-se que a cadeia do açaí gera valor agregado, e a análise que o presente trabalho se propõe, pode no futuro vim a ser fonte de partida para o aprimoramento local e regional da cadeia do açaí, contribuindo com o conhecimento sobre o funcionamento e interação dos seus respectivos elos e agentes da cadeia.

2.4 Fatores de competitividade

A empresa que adquire maior vantagem competitiva, em relação às demais se sobressai, obtendo resultados mais positivos em termos de rentabilidade e crescimento. Para tal posição favorável na competitividade, as empresas devem conhecer e dominar os fatores de competitividade.

Roman et al (2012) entendem como fator de competitividade aquilo que se configura como uma real preocupação e razão de ser de cada atividade da empresa. Pode-se dizer que o fator de competitividade corresponde às variáveis nas quais a organização precisa apresentar bom desempenho, para sobreviver e se destacar em relação ao mercado.

Sendo assim, no presente estudo de análise dos fatores de competitividade no elo de produção da cadeia do açaí, coadunamos com a proposta de Roman et al (2012) em que o conhecimento dos fatores de competitividade possibilitará identificar as exigências ambientais, a estrutura interna e os níveis de incertezas do referido elo.

De acordo com Batalha e Souza Filho (2009), os determinantes da competitividade em cadeias produtivas envolvem uma ampla variedade de dimensões, as quais, por conveniência analítica, podem ser agregadas em direcionadores, tais como tecnologia, insumos e infra-estrutura, gestão, ambiente institucional, estrutura de mercado e estrutura de governança. Eles refletem, em última instância, o posicionamento competitivo e sustentável do sistema em análise. A mensuração desses direcionadores pode ser feita de forma objetiva por meio do emprego de informações estatísticas de domínio público ou privado e/ou dados levantados diretamente junto aos agentes participantes do sistema agroindustrial.

No referido estudo considerou-se seis dimensões de fatores de competitividade descritos em Batalha e Souza Filho (2009) e cada fator é composto de subfatores de acordo com as especificidades da cadeia analisada, conforme lista a seguir.

I) Fator insumos: capacitação de mão-de-obra, disponibilidade de terras, preço da terra no Pará, custo da mão-de-obra, custo de produção, custo de estocagem e condições climáticas.

II) Fator Tecnologia: realização do manejo, cultivo em várzea e cultivo em terra firme.

III) Fator Estrutura de mercado: nº de indústrias, preço do fruto açaí, diferenciação de produtos, capacidade de ampliação e escala de produção, ociosidade no processamento e certificação de qualidade.

IV) Fator Estrutura de Governança e Coordenação: existência e atuação de associações e cooperativas, participação dos intermediários, disseminação de informação, relacionamento intermediário/produtor, relacionamento produtor/indústria.

V) Fator Armazenamento e Transporte: capacidade de armazenamento do fruto, capacidade de armazenamento da polpa, as condições dos portos, a capacidade

dos portos, as condições das rodovias, a capacidade das rodovias e a segurança dos portos e rodovias.

VI) Fator Ambiente institucional: disponibilidade de crédito, acesso ao crédito, a taxas de juros diferenciadas, parceria com centros de pesquisas, legalização das áreas de produção, ações governamentais, legislação sanitária, atuação do serviço de inspeção, cursos de manipulação do fruto, uso de cestos de palha (paneiros), uso de engradados plásticos e doença de chagas.

3. METODOLOGIA

Quanto à abordagem e a natureza da pesquisa, esta se classifica como qualitativa e quantitativa descritiva, com o propósito de investigar as perspectivas dos agentes-chaves relacionados com os elos de produção do fruto açaí em relação aos fatores de competitividade.

Neste estudo decidiu-se por delimitar a análise na mesorregião nordeste paraense, que foi a região com maior volume de produção extrativista nos últimos doze anos. Outro fator determinante na escolha é que a mesorregião nordeste também concentra um número considerável de indústrias de processamento do fruto açaí no Estado do Pará.

Para esta pesquisa, foi utilizado o método *Rapid Appraisal* (RA), que fora utilizado em trabalhos anteriores por Pinazza (2008), Batalha e Souza filho (2009), Melz (2010) e Barchet (2012). O RA também conhecido como pesquisa rápida ou pesquisa rural rápida, tem sido aplicado para responder às desvantagens das abordagens tradicionais de pesquisa aplicadas nos estudos de cadeias produtivas. Esse método é amplamente utilizado em análises de sistemas agroindustriais, principalmente na execução de estudos de curta duração e abrangência, limitação de recursos financeiros e de dados primários. As informações podem ser obtidas por meio formal ou informal, ou pela combinação dos dois. Valorizam-se as informações de fontes secundárias, que devem ser levantadas em etapa inicial da pesquisa (SILVA E SOUZA FILHO, 2007).

Esse método é caracterizado pela aplicação de questionário semi-estruturado, que é designado para gerar uma documentação rápida que objetiva avaliar os componentes mais importantes a serem considerados, assim como diminuir os custos de pesquisas com grandes volumes de dados (SILVA E SOUZA FILHO, 2007).

A aplicação do método *Rapid Appraisal*, seguiu três etapas, onde na primeira se tem a pesquisa teórica de levantamento bibliográfico e de dados secundários sobre o assunto.

Na segunda etapa, aplicou-se a técnica de pesquisa de coleta de dados primários por meio do instrumento de questionário semi-estruturado. Os dados primários foram obtidos em entrevistas e observação direta extensiva, realizado na região nordeste paraense, junto a produtores da cadeia, com participação direta dos pesquisadores, com o intuito de maximizar as informações e obter detalhes sobre o funcionamento da cadeia.

A pesquisa foi aplicada no período de julho a setembro de 2016 e o processo de amostragem adotado foi o não probabilístico intencional (por conveniência) para os produtores de açaí, cuja população é desconhecida.

Na tabela 1 encontra-se o número de produtores que foram entrevistados e produziram informações para a análise. Além dos produtores foram entrevistados a título de contribuição com mais informações sobre a referida cadeia, cinco

intermediários da venda do fruto e nove representantes de organizações relacionadas direta ou indiretamente com a cadeia.

Tabela 1 – Amostra de entrevistas realizadas com os produtores da cadeia

Agentes-chaves	Nº de entrevistados	Local/cidade
Produtores de terra firme (com e sem irrigação)	10	Tomé-Açu; Inhangapi;
Produtores de várzea	10	Cametá; Igarapé-Miri
Total de produtores entrevistados	20	

Fonte: Dados da pesquisa

O questionário semi-estruturado foi composto de direcionadores de competitividade que permitem a compreensão do efeito agregado e que possam ser mensurados por meio de indicadores de desempenho ou de subfatores de competitividade, onde para cada pergunta relacionada com um subfator de competitividade o entrevistado atribuía uma avaliação por uma escala *likert*.

A escala do tipo *likert*, tem uma variação de “muito desfavorável” (MD) = -2 a “muito favorável” (MF) = +2 à competitividade. Como valores intermediários têm-se: “desfavorável” (D) = -1, “neutro” (N) = 0 e “favorável” (F) = 1, conforme Figura 1. Dessa forma os subfatores podem ser avaliados qualitativamente e quantitativamente, considerando pesos iguais de importância para todos, uma vez que os agentes entrevistados poderiam ter pouca visão sistêmica da cadeia ou pouco conhecimento (expertise) sobre outros elos da cadeia.

Muito Desfavorável	Desfavorável	Neutro	Favorável	Muito Favorável
MD ≤ -1,5	-1,49 ≤ D ≤ -0,5	-0,499 ≥ N ≤ 0,499	0,5 ≤ F ≤ 1,499	1,5 ≤ MF

Figura 1 – Escala *Likert* para avaliação dos fatores e subfatores

Fonte: Elaborado pelos autores

A avaliação dos fatores de competitividade corresponde à média do somatório dos subfatores de mesma natureza, e fazendo uso da mesma escala *likert* da Figura 1, chegou-se a avaliação qualitativa dos fatores.

Após identificado as perspectivas de competitividade dos dois grupos de produtores, os dados foram analisados usando-se o aplicativo Microsoft Excel.

4. RESULTADOS

Nessa seção far-se-á uma análise das perspectivas dos produtores de terra firme e de várzea sobre a competitividade da cadeia do açaí, apoiados com informações dos demais agentes entrevistados, de acordo com os fatores de competitividade estabelecidos no referido trabalho.

4.1 Insumos

Na perspectiva dos produtores de terra firme os subfatores favoráveis a competitividade são a disponibilidade de terras (F)=0,90, o preço da terra (F)=1,00, e o custo de estocagem (F)=1,00). Os subfatores avaliados como neutros são a capacitação de mão-de-obra (N)=0,10, o custo de produção (N)=0,20) e as condições climáticas (N)=0,40. E custo de mão-de-obra foi considerado desfavorável (D)=-0,70.

Na perspectiva dos produtores de várzea, os subfatores considerados favoráveis para a competitividade são a capacitação de mão-de-obra (F)=0,60, a disponibilidade de terras (F)=1,10, o custo de produção(F)=0,60, o custo de estocagem (F)=0,80 e as condições climáticas (F)=1,00. E os subfatores com avaliação neutra tem-se o preço da terra (N)=0,40 e o custo da mão-de-obra (N)=-0,20.

Para o fator de competitividade insumos, os produtores de terra firme avaliaram como neutro (N) = 0,41 e os produtores de várzea como favorável (F) = 0,61 para a competitividade da cadeia.

4.2 Tecnologia

Na perspectiva dos produtores de terra firme o subfator de competitividade realização do manejo teve avaliação favorável (F)=1,30 e o cultivo em várzea como muito favorável (MF)=1,60. E como neutro (N)=-0,30 o cultivo em terra firme.

Na perspectiva dos produtores de várzea o subfator de competitividade realização do manejo teve avaliação favorável (F)=1,10 e o cultivo em várzea como muito favorável (MF)=1,80. E o cultivo em terra firme com avaliação neutra (N)=0,20.

Para o fator de competitividade tecnologia, os produtores de terra firme e de várzea avaliaram como favorável (F) para a competitividade, em 0,87 e 1,03, respectivamente.

4.3 Estrutura de mercado

Na perspectiva dos produtores de terra firme os subfatores de competitividade considerados favoráveis são: preço do fruto açaí (F)=1,40; capacidade de ampliação de escala de produção (F)=1,00 e certificação de qualidade (F)=0,90. Com avaliações neutras, tem-se o número de indústrias processadoras (N)=0,40 e a diferenciação de produtos (N)=0,40. A ociosidade no processamento do fruto teve avaliação desfavorável (D)=-0,70.

Na perspectiva dos produtores de várzea o subfator de competitividade preço do fruto açaí teve avaliação muito favorável (MF)=1,70 e com avaliação favorável os seguintes subfatores: diferenciação de produtos (F)=0,70; capacidade de ampliação de escala de produção (F)=0,70 e a certificação de qualidade (F)=0,90. Com avaliação neutra (N)=0,20 ficou o subfator número de indústrias processadoras. E a ociosidade no processamento do fruto com avaliação desfavorável (D)=-0,90.

Para o fator de competitividade estrutura de mercado, os produtores de terra firme e de várzea avaliaram como favorável (F) para a competitividade da cadeia, em 0,57 e 0,55, respectivamente.

4.4 Estrutura de governança e coordenação

Na perspectiva dos produtores de terra firme os subfatores de competitividade considerados favoráveis são: existência e atuação de associações/cooperativas (F)=0,60; disseminação de informação (F)=1,00 e relacionamento produtor/indústria

(F)=1,00. Com avaliações neutras, tem-se a participação dos intermediários (N)=-0,20 e relacionamento intermediário/produtor (N)=0,20.

Na perspectiva dos produtores de várzea os subfatores de competitividade que apresentam avaliação favoráveis são a participação dos intermediários (F)=1,00 e relacionamento intermediário/produtor (F)=0,60. Enquanto os demais subfatores receberam avaliação neutra, existência e atuação de associações/cooperativas (N)=0,20, disseminação de informação (N)=0,30 e relacionamento produtor/indústria (N)=0,20.

Para o fator de competitividade estrutura de governança e coordenação, os produtores de terra firme e de várzea avaliaram como favorável (F) para a competitividade da cadeia, em 0,52 e 0,46, respectivamente.

4.5 Armazenagem e transporte

Na perspectiva dos produtores de terra firme os subfatores avaliados como favoráveis são capacidade de armazenamento do fruto (F)=0,80; capacidade de armazenamento da polpa (F)=0,70; localização da indústria (F)=0,50; transporte do fruto in natura (F)=0,80; custo do transporte do fruto no mercado interno (F)=1,00 e as condições das rodovias (F)=0,80. O subfator segurança das rodovias/portos apresentou avaliação desfavorável (D)=-1,00. Os demais subfatores foram considerados neutros, conforme segue: custo de transporte do fruto no mercado externo (N)=0,00; as condições dos portos (N)=-0,20; a capacidade dos portos (N)=-0,20; a capacidade das rodovias (N)=0,40.

Na perspectiva dos produtores de várzea os subfatores avaliados como favoráveis são capacidade de armazenamento do fruto (F)=1,10 e transporte do fruto in natura (F)=1,10. Os subfatores com avaliação desfavorável são a capacidade dos portos (D)=-0,20 e a segurança das rodovias/portos (D)=-1,00. Os demais subfatores foram considerados neutros, conforme segue: capacidade de armazenagem da polpa (N)=0,10; localização da indústria (N)=0,10; custo de transporte do fruto no mercado interno (N)=0,20; custo de transporte do fruto no mercado externo (N)=-0,20; as condições dos portos (N)=-0,20 e a capacidade das rodovias (N)=0,20.

Para o fator de competitividade armazenagem e transporte, os produtores de terra firme e de várzea avaliaram como neutro (N) para a competitividade da cadeia, em 0,33 e 0,13, respectivamente.

4.6 Ambiente institucional

Na perspectiva dos produtores de terra firme os subfatores com avaliação favorável a competitividade da cadeia são parcerias com centros de pesquisas (F)=0,70; cursos de manipulação do fruto (F)=0,80; uso de paneiros/rasas (F)=0,50 e uso de engradados plásticos (F)=1,10. Os subfatores que são desfavoráveis para a competitividade tem-se acesso ao crédito (D)=-0,90; legalização das áreas de produção (D)=-0,90 e a doença de chagas (D)=-1,10. Os demais subfatores apresentam avaliação neutra: disponibilidade de crédito (N)=-0,40; taxas de juros diferenciadas (N)=-0,10; ações governamentais (N)=-0,30; legislação sanitária (N)=0,30 e atuação do serviço de inspeção (N)=-0,20.

Na perspectiva dos produtores de várzea os subfatores que obtiveram avaliação favorável são cursos de manipulação do fruto (F)=0,90 e uso de engradados plásticos (F)=0,90. Os subfatores com avaliação desfavorável são a legalização de áreas (D)=-1,40; ações governamentais (D)=-1,40 e doença de chagas (D)=-1,40. Os demais subfatores a seguir receberam avaliação neutro: disponibilidade de crédito (N)=0,00; acesso ao crédito (N)=-0,40; taxas de juros

diferenciadas (N)=-0,20; parcerias com centro de pesquisas (N)=0,30; legislação sanitária (N)=0,00; atuação do serviço de inspeção (N)=-0,20 e uso de paneiros/rasas (N)=0,20.

Para o fator de competitividade ambiente institucional, os produtores de terra firme e de várzea avaliaram como neutro (N) para a competitividade da cadeia, em -0,04 e -0,15, respectivamente.

5. DISCUSSÕES

A disseminação dos benefícios provenientes dos componentes nutricionais do fruto açaí tem atraído cada vez mais, consumidores em busca do suco ou da polpa do açaí, gerando um desequilíbrio entre a oferta e a demanda, principalmente no período de entressafra (de julho a dezembro). Em Cardozo et al (2015), comprova-se que o açaizeiro é uma das principais espécies nativas presente nos sistemas agroflorestais na Amazônia com abundância de 25,90% e o fruto é uma forte fonte de renda para os pequenos produtores locais, Na amostra pesquisada no presente trabalho, a média de área de produção em hectares é de 8,40 para os produtores de terra firme e 1,10 para os produtores de várzea, embora já se tenha conhecimento de grandes áreas de plantações de açaí no Pará, cuja produção é direcionada exclusivamente para o processamento.

Identificou-se nas entrevistas realizadas, que a qualidade de vida desses produtores tem melhorado com o tempo, em muitas localidades encontram-se postos de saúde, farmácias; presença de sinal de telefonia e de internet e aumento de renda familiar, pontos também evidenciados no trabalho de Lewis (2008) e Batista (2013).

Constatou-se que as tecnologias de manejos e de sistemas agroflorestais citadas por Canto (2001); Nogueira, Figueiredo e Muller (2005); Nogueira (2011) e Homma et al. (2006) estão sendo empregadas pelos produtores tanto de terra firme quanto pelos de várzea.

Concordando com os resultados de Lewis (2008), os governos, federal e estadual, poderiam acelerar suas políticas de regularização de titulação de terras nas principais áreas produtoras de açaí, de várzea e de terra firme. É importante atentar para a proteção das populações já estabelecidas, evitando um processo de especulação no mercado de terras que induza a migração e/ou o desaparecimento dos açaizais. A segurança jurídica permitiria maior acesso ao crédito e maior disposição para realização de investimentos de longo prazo na atividade. Os conflitos em torno da posse de terras seriam reduzidos, favorecendo positivamente a competitividade da cadeia.

Estimular a produção do açaí, em várzea e em terra firme, seria uma importante estratégia para reduzir a sazonalidade da oferta do fruto no Pará. Com isso, poderia ser evitada a perda da parcela de mercado para outras regiões. Além disso, permitiria reduzir os custos da ociosidade na entressafra e manteria a sustentabilidade socioambiental da cadeia do açaí.

Para fortalecer a produção nas duas áreas, o crédito é sem dúvida um dos principais instrumentos de políticas, principalmente para a produção em terra firme, cujos custos de produção são mais elevados. As instituições de crédito e as assistências técnicas poderiam se articular com os governos e organizações locais no sentido de criar melhores condições de acesso ao crédito. Dentre as medidas estariam o próprio avanço na regularização dos títulos de propriedade, mas também auxílio aos produtores na obtenção de outros documentos, nos projetos e na construção de formas alternativas de colateral para concessão de crédito.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro das perspectivas dos produtores de terra firme e de várzea, os fatores de competitividade com impacto positivo na cadeia, são os insumos, a tecnologia, estrutura de mercado e estrutura de governança e coordenação. Os fatores com impacto neutro para a competitividade aparecem armazenagem e transporte e o ambiente institucional.

Os resultados apontam para um aspecto importante no aprendizado de gestão socioambiental, ambos os tipos de produtores, sinalizam para uma competitividade favorável no elo de produção da cadeia e possibilitam que ambos os tipos de produção, terra firme e várzea, se complementem. Embora os custos de produção sejam diferentes, sendo mais onerosos no plantio de terra firme, a partir de novos investimentos e de novas políticas públicas no aumento de escala de produção em terra firme, esse tipo de fomento poderia aumentar a sustentabilidade da cadeia, que atualmente é satisfatória no ambiente de várzea.

Ainda como resultado do esforço de compreensão de parte da cadeia do açaí, pode-se constatar aspectos positivos e negativos, segundo as percepções dos agentes entrevistados. Como aspectos positivos, têm-se: os produtores apresentam melhor acesso a posto de saúde e a educação; o açaí é a principal fonte de renda dos produtores; a maioria dos produtores realiza o manejo, propiciando aumento na quantidade produzida; novas técnicas de coleta dos frutos nos açais de terra firme estão sendo difundidas; o associativismo e o cooperativismo, ainda que de forma incipiente, tem apresentado resultados favoráveis aos produtores; os pólos de comercialização estão definidos.

Destacam-se como aspectos negativos: ameaça ao meio ambiente por meio do manejo intensivo e de forma irregular; na coleta do fruto ainda se emprega mão-de-obra infantil; a precariedade dos direitos de propriedade em áreas de produção ou extração inviabiliza novos investimentos por parte do produtor; os intermediários exercem forte influência na determinação do preço do fruto; as estradas e portos da região possuem precárias condições de transbordo e de segurança; e ainda ocorre em menor escala a contaminação do açaí pela doença de chagas em algumas localidades do Pará que não cumprem as regulamentações sanitárias.

Observou-se que os produtores de açaí são importantes agentes da cadeia, pois exercem um trabalho em condições difíceis, vivendo em localidades distantes dos grandes centros urbanos e que ainda carecem de serviços básicos como saneamento.

Finalmente, aponta-se as principais dificuldades encontradas na realização das visitas de campo e as limitações desse trabalho. Houve dificuldade de acesso a muitos dos entrevistados devido às restrições de horários e localização distante. Por mais que se tenha seguido o rigor científico para a consecução dos resultados, o estudo limitou-se a uma amostra de produtores de algumas localidades e o número de fatores e subfatores de competitividade.

Dessa forma, como sugestão para futuras pesquisas e ações, sugere-se o aumento do número de agentes-chaves a serem entrevistados na referida cadeia e a identificação de instrumentos de política e identificação de agentes responsáveis quanto à execução. Sendo assim, o estudo dos demais elos da cadeia produtiva do açaí poderá contribuir de forma sistêmica no melhor entendimento de funcionamento da mesma.

REFERÊNCIAS

- BARCHET, Isabela. **Avaliação da competitividade da cadeia produtiva de carne ovina no Rio Grande do Sul**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, 2012
- BATALHA, M. O. SILVA, A. L. S. **Gerenciamento de sistemas agroindustriais: Definições, especificidades e correntes Metodológicas**. In: BATALHA, M. O.e LIMA, E. F (Coord.) Gestão Agroindustrial, v.1, 3ª Ed. São Paulo, Atlas, 2007
- BATALHA, Mário Otávio; SOUZA FILHO, Hildo Meirelles de. **Agronegócio no Mercosul: uma agenda para o desenvolvimento**. São Paulo: Atlas, 2009.
- BATISTA, Katharine Tavares. **Avaliação da sustentabilidade de agroecossistemas familiares agroextrativistas de açazeiros na região das ilhas do município de Cametá, Pará**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Pará. Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, 2013
- CANTO, Sérgio Aruana Elarrat. **Contribuição da ergonomia com base na análise postural durante a coleta dos frutos**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Santa Catarina, 2001
- CASTRO, Antônio Maria Gomes de. **Prospecção de cadeias produtivas e gestão da informação**. Revista eletrônica Transinformação. V. 13 nº2. Julho/Dez, 2001. P.55-72
- CARDOZO, Ernesto Gómez. MUCHAVISIOY, Henry Mavizoy. SILVA, Hulda Rocha. ZELARAYÁN, Marcelo Luís Corrêa. LEITE, Márcio Fernandes Alves. ROUSSEAU, Guillaume Xavier. GEHRING, Christoph. **Species richness increases income in agroforestry systems of eastern Amazônia**. Agroforestry Systems. Springer. July, 2015. Doi 10.1007/s10457-015-9823-9
- COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO – CONAB. Conjuntura de açaí de 01 a 30 de abril de 2016. Disponível em <http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/16_05_09_11_55_19_conjuntura_de_açai_abr_-16-1.pdf>. Acesso em junho de 2017.
- CORRÊA, Rosivanderson Baia. **Do território recurso ao território abrigo: modo de vida e o processo de valorização do açaí no município de Cametá-PA**. Dissertação de Mestrado. UFPA. Belém, 2010
- FARINA, E. M.; AZEVEDO, P. F. & SAES, M. S. In: **Competitividade: Mercado, Estado e Organizações**. São Paulo: Singular. 1997
- FARINA, Elizabeth M.M.Q. ZYLBERSZTAJN, Decio. **Competitividade no agribusiness brasileiro: introdução e conceitos**. São Paulo: PENSA/FIA/FEA/USP, 1998

FARINA, Elizabeth M. M. Q. **Competitividade e Coordenação de Sistemas Agroindustriais: Um ensaio conceitual**. Revista Gestão e Produção. V6, n. 3, Dez, 1999, P. 147-161

HOMMA, Alfredo K. O.. NOGUEIRA, Oscar Lameira. MENEZES, Antônio J. E. A.. CARVALHO, José E. U. de. NICOLI, Clarisse M. L.. MATTOS, Grimoaldo B. de. **Açaí: novos desafios e tendências**. Amazônia: ciência e desenvolvimento. Banco da Amazônia. V 1, n 2. Belém, jan/jun 2006

HOMMA, Alfredo K. O.. Entrevista para o site opinião & Notícia. **Açaí: o ouro negro pode ser um vilão para a Amazônia? Aumento do consumo poderia representar risco para a floresta, dizem veículos da mídia internacional**. Repórter Fernanda Dias. 13 de março de 2012. Disponível em <<http://opinioenoticia.com.br/brasil/acai-o-ouro-negro-pode-ser-um-vilao-para-a-amazonia/>>. Acesso em Jun/2017

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 15 Jun. 2016.

LEWIS, Jeniffer A.. **The power of knowledge: information transfer and açai intensification in the peri-urban interface of Belém, Brazil**. Agroforestry Systems. November, 2008

MELZ, Laércio Juarez. **Competitividade da cadeia produtiva de carne de frango em Mato Grosso: Avaliação dos segmentos de avicultura e processamento**. Dissertação de Mestrado. Dep/UFSCAR. São Carlos, 2010

NOGUEIRA, Ana Karlla Magalhães. **As tecnologias utilizadas na produção de açai e seus benefícios socioeconômicos no Estado do Pará**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Rural do Pará. Ciências florestais. 2011

NOGUEIRA, Oscar Lameira.. HOMMA, Alfredo Kingo Oyama.. **Importância do manejo de recursos extrativos em aumentar o carrying capacity: o caso de açazeiros (Euterpe Oleracea Mart.) no estuário amazônico**. Belém: Poema tropic, V.2, P. 31-37, 1998

NOGUEIRA, Oscar Lameira. FIGUEIREDO, Francisco José Câmara. MULLER, Antônio Agostinho. **Açaí**. Sistemas de produção 4. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2005

PINAZZA, Gustavo Galvão de. **Análise da competitividade da cadeia produtiva da soja no Brasil vis-à-vis os demais países exportadores Sul-Americanos**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Departamento de Engenharia de Produção, Universidade Federal de São Carlos, 2008

ROMAN, Darlan José. PIANA, Janaina. LOZANO, Marie Anne Stival Pereira e Leal. MELLO, Nelson Ruben de. ERDMANN, Rolf Hermann. **Fatores de competitividade organizacional**. Brazilian Business Review. V.9, n.1, Vitória, Jan-Mar, 2012

SANT'ANA, Karla Christine Tavares de. **Mercado justo e solidário como contribuição ao desenvolvimento sustentável: um estudo das representações econômico-sociais do comércio do açaí pelo município de Codajás**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Programa de Pós-Graduação em Ciências do ambiente e sustentabilidade da Amazônia. 2006

SILVA, Carlos A. BATALHA, Mário Otávio. **Competitividade em Sistemas Agroindustriais: Metodologia e Estudo de Caso**. In: II Workshop Brasileiro de Gestão de Sistemas Agroalimentares – PENSA/FEA/USP Ribeirão Preto, 1999, P. 9-20

SILVA, Carlos A. da. SOUZA FILHO, Hildo M. de. **Guidelines for rapid appraisals of agrifood chain performance in developing countries**. Agricultural management, marketing and finance occasional paper. Food and agriculture organization of the united nations. Rome, 2007

SIMIONI, Flávio José. HOEFLICH, Vitor Afonso. SIQUEIRA, Elisabete Stradiotto. BINOTTO, Erlaine. **Análise diagnóstica e prospectiva de cadeias produtivas: Uma abordagem estratégica para o desenvolvimento**. Trabalho publicado no XLV Congresso da SOBER. Londrina. Julho 2007

ZYLBERSTAJN, D. **Conceitos gerais, evolução e apresentação do sistema agroindustrial**. In: ZYLBERSTAJN, D. NEVES, M. F. (Orgs.). Economia e gestão dos negócios agroalimentares: indústria de alimentos, indústria de insumos, produção agropecuária, distribuição. São Paulo: Pioneira, 2000